



SUBJETIVIDADE ÉTICA DO SUJEITO: UMA LEITURA A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE EMMANUEL LÉVINAS

Adriano André Maslowski*

RESUMO: O presente artigo apresenta uma reflexão filosófica sobre a subjetividade ética do sujeito a partir de uma leitura da fenomenologia de Emmanuel Lévinas. Nota-se que a subjetividade ética do sujeito para o autor se dá a partir da epifania do rosto. Para ele, o rosto é o que não pode se tornar conteúdo captável pelo pensamento, pois o rosto é imediatamente relação ética. O rosto do outro que entra em nosso mundo, ela é uma visitação é responsabilidade. Assim sendo, o rosto fala, convida, envolve, põe em questão, convocando para a relação ética. A subjetividade ética do sujeito a partir da epifania do rosto para Lévinas compromete o sujeito com a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Subjetividade. Rosto. Lévinas.

INTRODUÇÃO

A presente reflexão tem por objetivo apresentar uma leitura da fenomenologia de Emmanuel Lévinas no que se refere à subjetividade ética do sujeito. Para o autor, a epifania do rosto como interpelação ética se dá no encontro com o rosto de Outrem. Assim sendo, a ética se dá concretamente no encontro do face a face. Para refletir a temática faremos uma leitura do pensamento de Emmanuel Lévinas que repensou copiosamente a questão da ética, especificamente a ética da alteridade.

Emmanuel Lévinas é conhecido mundialmente como o fundador da ética da alteridade. O seu pensamento além de ser impactante, segue instigando os principiantes e iniciados, principalmente pelo rompimento com a autonomia do sujeito racional, que sempre foi orientado a decidir por si e pelos demais. O pensamento ocidental se consolidou no *ego cogito*. A exacerbação do *cogito*, da razão, tem impossibilitado, ou dificulta a penetração no pensamento levinasiano. Às

* Mestrando em Filosofia (UFSM); Pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS); Pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (IMT/URI); Graduado em Filosofia (IFIBE); Graduado em Teologia (IMT/URI). Contato: adrianomaslowski@yahoo.com.br

vezes, isso gera um mal estar e inviabiliza a compreensão do pensamento filosófico fora desse parâmetro.

Destarte, neste estudo não temos o objetivo de discutir precisamente esta questão acima expressa, mas o leitor deve estar ciente da crítica que Lévinas dirigia com frequência à razão, porque ela também pode falhar. Além disso, ele deslocará ou mais precisamente tirará do pedestal a autonomia do sujeito pensante. Sendo assim, a sua proposta não priorizará a racionalidade, tampouco o subjetivismo, mas trilhará para a subjetividade ética do sujeito, e para o relacionamento intersubjetivo que tem como sustentabilidade a responsabilidade ética como filosofia primeira.

1 CONTEXTO: BANIMENTO DA SUBJETIVIDADE

Emmanuel Lévinas filósofo contemporâneo pensou a responsabilidade ética a partir do outro. No entanto, sua concepção filosófica foi constituída em período de grande crise da humanidade. O significado deste contratempo foi sendo conhecido ao longo do século como o mais cruel pelas atrocidades que foram praticadas contra a humanidade considerada civilizada. A evasão do sentido na supervalorização da técnica era de alguma forma já prevista pelas descrições husserianas que permaneciam problematizando as implicações éticas. Quais eram essas ameaças que cobririam o mundo europeu? A primeira guerra mundial e posteriormente a ascensão dos nazistas ao poder com clara e distinta justificação ideológica de eliminar uma raça da face da terra. Lévinas, por ser um pensador judeu, foi vítima desse pensamento, foi levado para um dos campos de concentração dos nazistas e aí presenciou os horrores do sistema, e como ele mesmo confessará posteriormente, essa recordação estará sempre presente nos seus escritos.

Lévinas que foi estudioso e discípulo de Husserl, afirma que a crise do humanismo e conseqüentemente a crise da identidade do sujeito da nossa era, provém da agudeza da razão que é fundamentalmente ambiciosa. A ciência e as ciências humanas (psicologia, sociologia, filosofia, teologia) que têm por finalidade cuidar e solucionar os problemas humanísticos passam a dirigir e ordenar a vida das pessoas. Isso mostra como o homem está preso aos seus joguetes e se deixa levar por eles. Só que as ciências tornaram as pessoas mais cegas em relação a sua

própria vida. “As ciências positivas nada dizem sobre nós mesmos, sobre a vida e sobre o sentido da história. Nada do que é subjetivo tem importância para a visão científica de mundo”¹. As ciências ao banirem a subjetividade do sujeito são incapazes de comentar sobre os genocídios, mortes e tragédias que a humanidade sofreu e continua sofrendo. A ciência não olha para si mesma ou se olha não dá a devida importância, talvez feche os olhos para os homens que padecem.

O caminho não é denunciar o absoluto do humano em nome das evidências que alcançam as ciências humanas, onde o homem é não somente objeto, mas também sujeito. Segundo Lévinas, essa revelação não deixa de ser apenas uma insinuação aparente, porque ela se dá no plano da ação, na relação com o outro. Pois, somente mostra a função puramente operatória e provisória do homem que está encerrado dentro de um conjunto e de termos que constituem um sistema. Segundo Lévinas², a objetividade possivelmente ideológica, manifesta uma ordem em que a subjetividade não é mais que um rodeio, precisamente em virtude de uma ordem, toma a manifestação, a inteligibilidade, ou verdade dessa ordem. Nesse caso, não é o homem quem buscaria ou inventaria uma verdade, mas é a ela que suscita e mantém o homem. A linguagem e o agir estão dentro dessa norma e a própria identidade é reduzida e pertence a este sistema. Nesse sentido, a própria subjetividade é desviada pela objetividade, e assim é apresentada. Eis o drama ou a armadilha que as ciências construíram.

Neste tipo de pensamento, quem ordena o humano é a estrutura inteligível, de modo que a subjetividade é assimilada pelo sistema. A racionalidade tem abarcado (ou tem a pretensão) o homem na sua integridade e ainda, o “Outro” é apropriado pelo “Mesmo”. Assim, assistimos “à ruína do mito do homem, fim em si, deixando aparecer uma ordem nem humana, nem inumana, ordenada certamente através do homem e das civilizações que ele teria produzido”³. A razão ordenando e conduzindo a humanidade dentro do seu sistema lógico-formal. Para domesticar a proliferação selvagem dos fatos humanos, abordados em seus conteúdos altamente teóricos, impõe-se um formalismo, que utiliza axiomas para mascarar e confundir ainda mais a identidade.

¹ FABRI, Marcelo. *Fenomenologia e Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 17.

² LÉVINAS, Emmanuel. *De l'Existence à l'Existent*. Paris: Librairie Philosophique Vrin, 1993, p. 83.

³ LÉVINAS, 1993, p. 86-87.

Entramos, talvez, em um dos pontos mais destacados do pensador. Ele constata que a compreensão do homem está imbricado/a numa civilização, de base econômica, que se tornou planetária, mas que limita a tomada da consciência de sua própria situação. Tudo passa pela tomada de consciência. Lévinas chama atenção para o fato de que o nascimento do homem e a sua morte passam longe dele mesmo. Desse modo, o humanismo ocidental criou belas palavras para discorrer sobre o humano, mas que não atingem o real das violências e das explorações, como dirá Husserl, não atingem porque não partem do mundo da vida, o equívoco está em universalizar ao mesmo tempo, toda cultura em algo científico⁴. Fala-se do humano, mas isso não passa de pura ignorância e opressão. Porque não é mais o homem, por vocação própria que possui e procura a verdade, mas é a verdade que suscita e possui o homem. Sendo assim, a interioridade do eu que é idêntico a si mesmo dissolve-se na totalidade sem dobras nem segredos.

Para Lévinas, todo o humano está do lado de fora desta visão da realidade. Ele é dito, falado, descrito, apresentado, mas está longe de ser o verdadeiro humano. As técnicas e as ciências, que nasceram para guiar o mundo, que prometeram um ideal humanista e que dirigiram e que ainda talvez dirijam a história com esse ideal, mantêm a exploração do homem pelo homem, de modo que inclusive as guerras continuam. A humanidade parece que se habituou a ver e assistir às violências contra o outro. Os movimentos imbuídos por um ideal humanista conduziram a humanidade aos grandes totalitarismos.

Lévinas apontou com todos os acentos possíveis que o humanismo ocidental passou a ser um anti-humanismo. E, talvez, a grande prova que o homem é inimigo do outro homem. Nesse sentido, os acordos de paz são frágeis, pois, são firmados a partir de um interesse de um sobre o outro. A princípio, parece que essas afirmações soam como um pessimismo, uma leitura apressada e talvez demasiadamente negativista, mas infelizmente, não. O homem perdeu a sua identidade humana, a sua face. No entanto, qual é o humanismo que o autor propõe? Existem alternativas para este homem que está esfacelado pela violência e pela guerra? Deixemos o filósofo falar: “O sentido deveria ser procurado num mundo que não traz vestígios humanos e que não falseia a identidade das significações,

⁴ HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 87.

num mundo puro de toda ideologia”⁵. Talvez, isso soe como uma utopia, no entanto essa será a proposta de Lévinas.

2 SUBJETIVIDADE ÉTICA⁶ DO SUJEITO

Emmanuel Lévinas foi um pensador que teve a preocupação de resgatar e valorizar a subjetividade que foi desmantelada pela racionalidade ocidental como vimos nos itens anteriores. No entanto, devemos ter alguns cuidados sobre o tema, isso porque a subjetividade que resguarda e oferece está muito distante do subjetivismo. Por isso, quando faz referência à subjetividade aparece concomitantemente outra expressão, a saber: *responsabilidade*. Para elucidar, sobretudo os não iniciados no pensamento levinasiano a responsabilidade para Lévinas é a ética, ou em outras palavras não existe responsabilidade sem ética.

Diante disso, a ética levinasiana que corresponde à ética da responsabilidade é integrar-se no pleno cuidado para com o outro, um deve respeitar o outro na sua inteireza.

Respeitar não pode significar sujeitar-se, contudo, outrem me comanda. Eu sou comandado, quer dizer, reconhecido como capaz de uma obra. Respeitar não é inclinar-se diante da lei, mas diante de um ser que me ordena uma obra. Mas para que este mandamento não comporte nenhuma humilhação – o que me subtrairia a própria possibilidade de respeitar- o mandamento que recebo deve ser também o mandamento de comandar aquele que me comanda⁷.

A base fundamental para a relação heteronômica é a afinidade dialógica entre os sujeitos, e a acolhida do terceiro. Numa sociedade totalitária, dominada pela ciência, pelo racionalismo pratica-se a injustiça com outro porque a razão não acolhe o diferente, o terceiro. “Só há injustiça verdadeira – quer dizer, imperdoável – em

⁵ LÉVINAS, 1993, p. 112.

⁶ A ética levinasiana poderá parecer, às vezes, abstrata a quem não souber entendê-la no que ela é: integralmente, “experiência” – e apenas uma experiência já que, por seu intermédio, submeto-me à prova do *despojamento [dépense]* – do questionamento do egoísmo do eu; ela não é, de modo algum, um conjunto de preceitos que dizem o que deve ser feito em determinado tipo de situações. Assim, a ética foi descoberta como “filosofia primeira”: por essa expressão, Lévinas pretende que a ontologia, a teoria do ser, entregue a si mesma, não se basta pelo fato de que ela reflète, volta a representar e continua sendo a lei daquilo de que ela está falando, do ser, ou seja, a lei da guerra, na ordem do conceito, que, por sua vez, é sempre “captura” [“prise”] disso mesmo que é abordado por ele. A paz só pode ser encontrada nesta subida além do ser, a partir do próprio ser (SEBBAH, François-David. *Lévinas*. São Paulo, Estação Liberdade, 2009, p. 51-52).

⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 58.

relação ao terceiro. O terceiro é o ser livre contra o qual posso cometer injustiça, violentando-lhe a liberdade. A totalidade se constitui graças a outrem como terceiro”⁸. A proposta ética de Lévinas se dá por meio da relação que é constituída entre sujeitos de carne e sangue, e é justamente lá onde acontece o pulsar da vida, que se encontra exposto o sujeito encarnado. A subjetividade é sensibilidade – exposição aos outros, vulnerabilidade e responsabilidade na proximidade dos outros. Para Lévinas, “Pensar o infinito, o transcendente, o estrangeiro, não é pois pensar um objeto. Mas pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais ou melhor do que pensar”⁹.

O outro que está diante de mim não é um objeto a ser manipulado, mas é carne, sangue, corporeidade e sensibilidade, vida interior. Um expõe-se ao outro totalmente. Na leitura proposta pela racionalidade, essa exposição se converte em objetivação. O outro passa a ser um objeto passível a ser manipulado. Para Lévinas, a abertura, exposição remete para a responsabilidade ética, para o cuidado, porque o outro se expõe. Além disso, clama, pede, implora para ser protegido. A responsabilidade ética tem como alicerce basilar o respeito e o cuidado. Um cuidado do outro e assim ambos são responsáveis. Para Lévinas o acurado deve ser maternal, ou seja, sem esse encontro ético, confiança dificilmente existirá uma vivência solidária e diferente do sistema proposto. O encontro face a face com o Outro está na base de toda a experiência ética.

Diante da dimensão do Infinito que se expressa no rosto humano, à relação que se estabelece não é do tipo instrumental. O encontro com o Infinito não se dá mediante o modelo epistemológico de uma razão totalitária. A proximidade que se dá enquanto sensibilidade e abertura para o outro, de modo especial no pobre, se expressa como hospitalidade e acolhida não alérgica. Não se trata apenas de opção, como expressa Costa,

reduzir a responsabilidade para com o outro a uma opção preferencial pelo outro no interior do mundo como totalidade de sentido e significado que deslizam diacronicamente pelos sucessivos instantes de um tempo que dura no ser. As “opções preferenciais” costumam ficar presas à ambiguidade de uma pretensão ética ontologicamente fundada¹⁰.

⁸ LÉVINAS, 2009, p. 49.

⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa, Portugal, EDIÇÕES 70 - LDA, 2013, p. 36.

¹⁰ COSTA, Márcio Luis, *Lévinas: uma introdução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 155.

Nesse sentido, Lévinas salienta que “relacionar-se com o outro ser humano é recebê-lo antes de pensá-lo e antes de decidir ou não por seu recebimento”¹¹. Assim a fraternidade humana é o recebimento do outro “em mim”. “A sensibilidade e o recebimento atribuem o outro a mim mesmo, uma atribuição que me afeta antes de ser tema, decisão e ação”¹². Para Lévinas, “relacionar-se com o outro não é senão recebê-lo passivamente por atribuição e não por opção. De novo e de passagem o tema das “opções preferenciais”¹³.

A relação com o outro ela se dá por meio da linguagem. Esta não é simplesmente instrumento ou meio para conhecer o outro, nem é experiência. É compromisso, resposta que me convoca pela epifania do rosto do outro. A linguagem, neste sentido, para Lévinas, coloca-se na perspectiva da ideia do infinito. O outro clama a mim por uma resposta. A abertura para com o outro faz-me sair do meu mundo, do enclausuramento. A linguagem é o acesso do eu com o outro.

O Outro que se manifesta no rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abraça a janela onde sua figura no entanto já se desenhava. [...] Sua manifestação é um excedente (surplus) sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o rosto fala¹⁴.

Nesse sentido, pode-se perceber que Lévinas defende que é na manifestação do rosto que está o primeiro discurso. “Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura”¹⁵. Na relação ética, o outro me chama a responder. Por isso, a palavra é ensinamento e, desse modo, a socialização como obra da linguagem, como uma ação de encontro exercida pelo Mestre sobre mim, não é uma misteriosa informação, mas o apelo dirigido à minha atenção. Para Lévinas, “a visitação do rosto não é, portanto, o desvelamento de um mundo. No concreto do mundo, o rosto é abstrato ou nu. Ele é despido de sua própria imagem. É somente pela nudez do rosto que a nudez em si chega a ser possível no mundo”¹⁶.

¹¹ COSTA, 2000, p. 175.

¹² COSTA, 2000, p. 175.

¹³ COSTA, 2000, p. 175.

¹⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *Humanisme de l'autre homme*. Paris: Fata Morgana, 1972. *Humanismo do outro homem*. Tradução Pergentino Pivato (coord.), Petrópolis: Vozes, 2012, p. 51.

¹⁵ LÉVINAS, 2012, p. 51.

¹⁶ LÉVINAS, 2012, p. 51

Para Lévinas é no acolhimento do rosto que se dá a possibilidade de igualdade, da justiça. Este acolhimento já é minha responsabilidade. Essa igualdade, que se dá no acolhimento do rosto que preside à relação ética subsidiando todas as relações humanas. Para Lévinas o rosto do outro que se apresenta para mim é um rosto frágil. Por isso, é perante a nudez e a pobreza do rosto, perante a sua exposição sem reservas que eu deixo cair todas as máscaras e todas as defesas, porque não têm justificção, é por isso que me aproximo, com toda a abertura e generosidade, sabendo que a minha posição do eu consiste em poder responder à miséria essencial de outrem, em encontrar recursos. Outrem, que me domina na sua transcendência, é também o estrangeiro, a viúva e o órfão, em relação aos quais tenho obrigações.

No rosto do outro, toda a humanidade se torna presente, as necessidades, as preocupações, as dificuldades e os problemas daquele rosto são também os de todos os outros rostos em igual situação e fazendo apelos semelhantes. No momento em que eu escuto e compreendo o apelo que o outro me faz, não posso permanecer insensível e não posso deixar de se sentir convocado, responsável. Este é o momento da proximidade ética, no sentido do rosto. Proximidade que implica em acolher como vizinho, abrir a porta, estender a mão, dando abrigo, encontrando respostas.

Sabemos que em nossa realidade são múltiplos e variados os apelos do rosto, porque também são múltiplas as necessidades. Para Lévinas, existe um primeiro apelo que é a condição da sua própria existência: "não matarás", que não se refere apenas à destruição da vida de alguém, como no caso do assassinato, mas se refere a tudo aquilo que impede ou dificulta que o outro viva em condições mínimas de realização humana, e isso inclui desde as necessidades básicas de sobrevivência, às necessidades culturais e espirituais que todos temos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta reflexão sobre a subjetividade ética do sujeito em perspectiva fenomenológica, pode-se perceber um grande passo que Lévinas irá dar nesta discussão. A proposta levinasiana é complexa e provocadora, sobretudo, porque

sinaliza que precisamos caminhar muito para fazê-los irradiar em nosso contexto. A reflexão de Lévinas sobre a subjetividade ética do sujeito exige ação, torna-se concreta a partir do rosto como responsabilidade. O rosto abre o discurso original cuja primeira palavra é obrigação que nenhuma interioridade minha permite evitar. Sou responsável, porque o rosto me faz uma exigência ética, perante a qual ninguém pode responder por mim. Na verdade, quando alguém me dirige um apelo, a resposta a esse apelo é sempre da minha responsabilidade, e isto em relação a todas as solicitações, das mais simples às mais exigentes. A responsabilidade é o que humanamente me cabe, não posso recusar.

Percebemos que é a responsabilidade por outrem que constitui verdadeiramente a subjetividade ética. É por isso que nada é mais digno do ser humano que a responsabilidade por outrem. Aqui reside toda a ética e toda a moralidade levinasiana. Uma responsabilidade total, que não exige reciprocidade, uma vez que obrigando à deposição dos próprios interesses, se torna generosa e desinteressada. Cabe responder aos apelos do outro, sejam quais forem, precisa-se disponibilizar inteiramente, sem pedir nada em troca.

Por fim, podemos dizer que a reflexão de Lévinas sobre subjetividade ética não é uma utopia no sentido de que ela nunca poderá ser aplicada. Não ocultamos a nossa dificuldade em compreendermos o seu pensamento sobre a ética. Talvez, isso se deva ao fato de que os nossos ouvidos estejam acostumados a ouvir somente uma mesma melodia ditada pela racionalidade e que propõe um mundo competitivo, onde o mais forte deve “sempre” vencer o mais fraco, os “bons”, “melhores” vão triunfar e os que são considerados “fracos” pelo sistema vão sofrer e desaparecer. Essa leitura, quiçá, ingênua do mundo, tem o tornado cruel e selvagem. E nós estamos fundamentando e propondo um mundo mais humano, onde a vida do Outro deve ser respeitada e valorizada. A vida do Outro é a dádiva mais preciosa e que ninguém tem o direito de manipulá-la e de matá-la. O Outro é Outro e é meu irmão no sentido de fraternidade. E as ciências humanas tem a missão de refletir estes princípios fundamentais que visam à vida humana.

REFERÊNCIAS

COSTA, Márcio Luis, *Lévinas: uma introdução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FABRI, Marcelo. *Fenomenologia e Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. U. Zilles, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. 3. ed. Lisboa, Portugal, EDIÇÕES 70 - LDA, 2013.

_____. *Entre nós*. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *De l'Existence à l'Existent*. Paris: Librairie Philosophique Vrin, 1993.

_____. *Humanisme de l'autre homme*. Paris: Fata Morgana, 1972. *Humanismo do outro homem*. Tradução Pergentino Pivato (coord.), Petrópolis: Vozes, 2012.

SEBBAH, François-David. *Lévinas*. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.